

ARCHIVO LITTERARIO.

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS : CÔRTE		PROPRIETARIOS	ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.	
ANNO	85000	ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO	ANNO	95000
SEMESTRE	42000	x	SEMESTRE	52000
TRIMESTRE	28500	FRANCISCO JOSE ALVES GUIMARÃES	TRIMESTRE	33000

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia — RUA do REGENTE n. 20, — na rua Nova do Ouvidor n. 7, e na rua da Lapa n. 46. Recibe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado uma vez approvados pela redacção

ARCHIVO LITTERARIO.

NECROLOGIO

Ao grande artista

João Caetano dos Santos.

C'est qu'on nous appelle nos beaux jours
N'est pas qu'une éclair brillant dans nuit d'orage
(Lamartine.)

« Aquillo que chamamos nossos bellos dias não é senão um relampago em uma noite de tempestade » Assim disse Lamartine. e teve razão ! Para que servem tantas labutações ao homem, se elle unicamente ganha glorias e phemeras, por que o verdadeiro premio de todos os sacrificios são recebidos n'outro mundo ! nesse mundo onde não impéra a inveja, nem a intriga. Assim João Caetano labutou neste mundo, adquirio inimidades pelo seu talento artistico.

Quem ha que possa negar que João Caetano não era um perfeito artista ?

Ninguém. Seus proprios adversarios reconhecerão nelle um talento superior aos seus, eis ahi origem dessas inimidades ! !

Morreu como todosos artistas, rodeado de seus filhos, esposa, e amigos sinceros ; não quiz na sua ultima vontade que o enterro fosse pomposo, por que reconheceu que a pompa não é mais que uma phantas magoria, quiz ser sepultado como o artista que reconhecendo as glorias vãs do mundo desprezava a por queda mão do Ser Supremo receberia o premio de todos os sacrificios a que se sujeitou, e de todos os beneficios que proligou aos infelizes.

Que mais havemos de dizer delle ?.

Tudo está ditto apenas ao lér o seu nome.

Ainda com as lagrimas nos olhos, soluçamos ao lembrar-mos delle.

A penna cae-nos da mão, ao recordar-

mos que cessou de existir, o bom pai, o bom filho, o bom esposo, o bom amigo de seus collegas d'arte ! !

São frageis as nossas expressões, porém veridicas porque é o testemunho da nossa afleição nunca desmentida ! !

Que mais havemos de dizer delle ?

Que foi bom amigo ? Todos que o conhecerão comprovarão esta verdade. Que foi bom filho ? Que diga os seus parentes !. Que foi bom pai e esposo ? Diga a inconsolavel familia que a toda hora, a todo momento prantêa a sua morte. Elle que com um braço para a sepultura com o outro abraçava a cara espoza e as filhas

Foi um homem que sempre trabalhou para colher glorias para sua patria, para sua familia e para os seus amigos ! ! ! E quantos não colheu ? quanto ella se orgulhava por ter dado um artista consumado ! ! Amava a patria como Moyses amava o povo do Senhor.

Bem cedo veio a morte ceifar um artista tão obediente ás leis divinas ! !

Deus não quiz que elle permanecesse mais neste mundo ! Quiz dar-lhe o descanso ao corpo e a alma, ao corpo das labutações e soffrimentos !

A' alma, quiz dar-lhe o premio merecido dos seus immensos beneficios feitos a humanidade ! !

O captivo que o procurou, sempre achou n'elle um protector desvellado que mitigava-lhe o soffrimento e concedia-lhe os meios de livrar-se desse jugo da escravidão ! !

O orphão abandonado sempre achou-o com os braços abertos como um verdadeiro pai ! !

A viuva desvalida que procurava-o encontrou naquelle homem um protector de-

sinteressado, que concedia-lhe com o seu trabalho os meios de poder sustentar o seu lugar com honestidade.

As instituições pias tambem sempre o acharão prompto a servir-as. não só com o seu trabalho como com o seu fraco contingente monetario ! !

Em fim era um homem digno de existir em um melhor mundo, e por isso Deus o chamou.

Os seus amigos e collegas forão-lhe votar o ultimo adeus á sepultura acompanhando-o a pè até o Cemiterio de Catumby. Ali debaixo daquella lousa que o cobre descansava em um somno bem profundo. Encerra a campa uma sombra do que foi, um corpo sem calor, um coração sem vida !

O seu enterro foi um daquelles actos que para sempre ficará gravado com caracteres indeleveis na idéa de todo o povo fluminense, e de nós que como verdadeiros afieitados do finado sentimos a falta do amigo da pobreza — E' um acto de verdadeira consternação o recordar-mos que para sempre desapareceu aquelle que tanto estimavamos.

A arte dramatica perdeu um verdadeiro artista, A patria um cidadão livre. Os seus collegas perderão um companheiro sincero e leal, dotado de todas as virtudes que tanto caracterisão o homem de bem. A sua familia essa perdeu mais do que todos perdeu o seu maior amparo a sua unica esperança. E nós perdemos um afieitado a quem presavamos e idolatravamos.

A terra lhe seja leve.

Côrte 26 de Agosto de 1863.

LITTERATURA

Os velhos retratos

NOVELLA

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preocupações do presente, desprezava completamente o passado. Alivo como todas as pessoas da minha idade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regozijava-me de ter nascido na nossa época e admirava-me nos meus contemporaneos. Quando volvia os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo: a minha geração parecia-me abrir, na realidade, a historia, e carregar com o mundo como Atlas.

Daqui se originavão os meus soberbos desdems por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnecia das modas antigas, as velhas usanças fazião-me alçar os hombros e fugia das pessoas de cabellos brancos! Orphão quasi desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha idade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto godesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desagradava igualmente nas pessoas e nas cousas: quando não me fazia rir, causava-me mêdo.

A minha existencia era alegre, ainda que espinhosa. Arrebatado pela actividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer nella as minhas provas. Semelhava-me ao joven viajante, que se diverte em lutar com as ondas; mas por vezes o cansasso sobrevinha, e os meus desejos erão então de encontrar um canto da praia onde me assentar, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita medioeridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer ás distancias. Obrigado a cuidar sobre tudo de mim para viver, queria ter vagar de pensar nos outros para os servir.

Um inesperado acontecimento veiu arrancar-me aos meus trabalhos e aos meus sonhos: soube a morte de um primo afastado, do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabellião reclamava a minha presença como

indispensavel para apressar a tomada de posse. Foi portanto preciso decidir-me a tomar um logar na deligencia de Borgonha, que devia conduzir-me á aldêa outr'ora habitada pelo defunto.

A jornada fez-se felizmente: um bello sol de outono alumiaava o campo, e os bosques estavão ainda corados pelas suas ultimas tolhas. Fallando a verdade, não me desagradou a provincia, até que cheguei a ***; mas alli disserão-me que era preciso deixar a deligencia e ir a pé até á povoação onde era esperado: erão duas legoas que tinha que andar por caminhos transversaes, bastantemente estragados pelas chuvas precedentes! O dia começava a declinar; e uma fria neblina de Outubro se estendia já pelo fundo do valle. Puz-me a caminho com bastante máu humor, dando ao diabo os paizes onde não ha carruagem de aluguel e bordejando o melhor que podia por entre as rodeiras da estrada.

Infelizmente as indicações que me derão quando deixei a deligencia, forão insufficientes; todas as veredas existentes atravez das vinhas tinhão para mim o mesmo aspecto; perdi-me muitas vezes, e era já noite quando cheguei á povoação.

Um homem, que encontrei, me disse que a senhora Felicidade (era a governante) estava orando na igreja. Foi preciso pois esperar o seu regresso, passeando no pateo com as mãos mettidas nos bolsos e o nariz enterrado na golla do meu *paleto*.

Esta sentinella, que fiz á porta da minha propria casa, seria divertida, se não fosse o cansasso e a nevoa que insensivelmente se transformava em chuva fina. Estava já com a paciencia quasi esgotada, quando finalmente appareceu uma velha criada com um ar meio burguez, e que eu reconheci pelo livro das horas que trazia na mão.

Vendo um desconhecido em pé junto ao limiar da porta, parou, e perguntou-me o que pretendia.

— Senhora Felicidade, respondi todo a tremer de frio.

— Quereis dizer *menina*? replicou a velha com voz aspera; sou eu; o que deseja o senhor?

— Primeiro, que me abra esta porta, disse eu; segundo, que me forneça meios para me enxugar.

E, para prevenir qualquer outra objecção disse o meu nome.

Logo que isto fiz, esperava que a velha criada se desfizesse em satisfacões; mas com grande espanto meu, vi que começou a olhar-me com uma especie de suspeitosa hostilidade.

(Continúa.)

VARIEDADE

Meditação!

Os felizes não me leião
Mas tu vem chorar conmigo?
Vem deleitar-te...
Vem ser meu fiel amigo.

(Amor e Melancolia. A. P. de Castilho)

Era noite: a horas mortas eu vagava pela praia do mar, umas vezes pisando a arêa movediça outras saltando de rochedo em rochedo, onde ficava salpicado de espuma...

Não brilhava uma só estrella no ceu, o que me guiava per sobre os alcantis e ribas do mar, era a orla de prata da onda que se estendia pela praia arenosa...

Uma brisa forte percorria a essa hora o litoral e eu a despeito do ar frio e humido, sentei-me no cimo de uma rocha entregue a tristes pensamentos...

O quadro que se apresentava á minha vista era de uma solemnidade e grandeza que me fazia ficar em profundas cogitações que debalde eu tentaria esquecer em toda a sua plenitude.

Objectos ha de tanta sublimidade, que debalde o átomo homem poderia dar delles uma pequena descripção.

Se livesemos sido mimoseados por Deus, com o genio de Yung, Chateaubriand, Lamartine ou Alexandre Herculano, poderíamos na linguagem terrena exprimir o pensamento de Deus; mas como não somos mais uns que frageis mortaes faremos apenas podeshoçar ainda que loscamente, o que se apresentou á nossa vista nessa noite, de que conservare-

mês em quanto existirmos uma eterna recordação e saudade.

Quanto Deus é grande a sua Omnipotencia está na immensidade!!!

Todos esses milhões de lustres que pendem da abobada celeste, e que me não é possível enxergar nesta noite tenebrosa, são outros tantos mundos que girão no espaço por leis immutaveis...

O mar cobrindo dous terços da terra, e conservando-se no leito que o Senhor lhe deu para sua perpetua morada...

O seu rugido quando irritado, que não tenho simile a que o possa comparar, concentra-se no abysmo, quebrando-se nos terminos que Jehovah lhe prescreveu com o seu dedo Divino!...

Os seus ais quando se espraia, dizem liberdade!...

Liberdade! palavra santa, que turbição de ideas me fazes acudir à mente....

O homem captivo na terra, depois que a morte lhe gela o sangue, — a alma livre fica do seu involucro terreste para ir juntar-se á do seu Creador...

O que é o Mundo, em que os homens esquecendo-se do seu principio e fim, se despedação uns aos outros em lutas sanguinarias, em lugar de se amarem, conforme o preceito do Filho — do Homem — ?!

Em vez do osculo fraternal, dilacerão-se, fazendo, o que não fazem os irracionaes, anão ser aquelles de diferente especie!

Sophismada e prostituida, a mais santa das instituições, o homem, sempre miseravel, procura-a na terra sem a poder alcançar, e quando julga que a encontrou, não vê mais que uma sombra ou então conforme a pharse de virgilio abraça a nuvem por Juno...

Tal o globo na sua rotação, assim os homens veem mudar-se os seus destinos na superficie da terra...

Lembrei-me então desses seculos barbaros, e que hoje nos causão horror, ávisado do que a historia nos ha transmittido até os nossos dias, e comparando-os com este em que existimos, não podemos deixar de não comprehender que para os homens sempre pôde surgir um vislumbre dessa, aurora de liberdade...

Assim tinha de acontecer, o primeiro que a proclamou no mundo, era (como diz Alexandre Herculano) o rei da philosophia Eterna e esse homem é aquelle a quem os homens chamão Deus...

Adiantada ia a noite, quando o mar que crescia, me advertiu que era impossivel poder conservar-me ali por mais tempo; tomei o caminho de casa, depois com o coração mais alliviado, cheguei á minha habitação onde recostado a um sofá, dormi tranquillamente.

Jose Antonio Fernandes da Fonseca.

Tive desejos ardentes
D'offerar-te outro igual

Quizera dar-te um ramo
Cheio de brilho e frescôr;
Mas as flôres que mais amo
Exprimem só pranto e dôr.

Amo a linda *saudade*
O branco e roxo *lirio*;
Tenho ao *goivo* amizade,
Adoro o triste *martirio*,

Amo os *suspiros* e *chagas*
Só a estas tenho amôr;
Porque são por mim *regadas*
Com triste pranto de dôr,

São teus dias, como as flôres,
Enlaçados de doce ventura:
Como asminhas qu'exprimem só dôr
São meus dias de triste *amargura*.

Symbolizão p'ra mim a innocencia:
Se por ellas minha alma findar:
Não t'esqueças, depois da existencia
Vir-me um ramo na *campa* offerar.

Arnaldo Molarinho.

POESIAS

O TEU RAMO.

Era lindo viçoso e tão bello!..
Esse ramo colhido para mim:
Verdejante, tão puro, singelo
Como igual não vi outro assim.

Com as hasteas em prata engastado,
Combinado a capricho de amôr;
Foi em mim muito mal empregado
Esse mimo de gosto e primôr!

Trazia *mirtho* e *rosa*
O *bem-mequeves* e *jasmim*,
A *magnolia* cheirosa
O *liluz* e o *Alecrim*.

Tinha *cravo* encarnado
Perpetua de roxa côr
Alvo *beijo* prateado
A *madre-silva* e amôr!

Trazia ainda pendentes
Vagas de fresco *crystal*

Tendo nós visto o soneto abaixo publicado, e sabendo physicamente que é original do Sr. José Ribeiro de Sá, ficamos surpreendidos ao vêr o mesmo publicado no Jernal do Commercio do dia 27 do corrente assignado por Wenceslão Silveira Leal, não sendo este o seu verdadeiro auctor, por isso abaixo o publicamos e pedimos desculpa de ainda o não termos feito; porquanto o Sr. Sá nos tinha mimoseado com elle para ser publicado no numero 2, o que não fizemos por falta d'espaco.

Soneto

DEDICADO AO INNOCENTE ANTONIO JOAQUIM REBELLO JUNIOR, EXTREMOSO FILHO DO ILLM. SR. ANTONIO JOAQUIM REBELLO E DA ILLMA. SRA. D. JOAQUINA DA CONCEIÇÃO REBELLO.

Que ameno escuto, com fervor tocando
Na frauta agreste, o pastor selvagem,
Q'ão lá deviso na frescal pastagem,
Contente o gado sem cessar pulando.

Lá no palmar, que assim vem deixando,
D'entre as palmeiras a patria hospedagem,
Que alegre busca, de teu berço a margem,
De palma em palma o salú cantando.

Quanto a um tudo, meigo infante, oh! quanto
Teus tenras annos decantar lhe cabe,
Junto daquelle que do divo encanto

Seu denso goso tão sómente sabe,
Provar-te apenas que jamais n'um pranto
Que as tenras faces de escaldar-lhe acabe.

JOSÉ RIBEIRO DE SÁ.

ANEDOCTAS.

Certo pedinte da freguezia de N. S. da Gloria, entrando n'uma padaria da rua da Lapa, pedindo — esmola para o Divino Espirito Santo; — o dono da casa-lhe dar-lhe uma esportula quando este lhe retorquiu. *Antes um pão de rala.*

Assim mesmo o Santo não era muito exigente.

Certo commandante de uma brigada, comprou um selim admiravel pelo seu trabalho que mostrava a todos os seus amigos: um destes que o achava em perfeito estado, perguntou a quanto tempo o possuia, ao que respondeu: não ha muito tempo meu amigo — *a primeira vez que o estreei foi no corpo de Deus.*

PALESTRA

Fiz o meu dever, disse Alfredo sentado junto de seu primo, n'um muro de pedra nas fraldas do morro de Santa Thereza,

proximo á rua do mesmo nome. *Mas quem é elle? não me recorda, posso conhecer-o, porém não ligar o nome á pessoa.*

E' aquelle menino que foi Presidente d'uma Sociedade dramatica que tem por nome o dia Natalicio de D. Luiz; e que morou na rua não sei se era da *Assembléa* no numero de *quatro duxias*

Então é aquelle menino honesto, pio, e clemente, para com todos.

Tem tanto de *Clemente*, como de pouco honesto; dizem que venera muito *S. Pedro* e que ainda não ha muito que elle substituiu um aro de prata dourado por um de finissimo ouro que havia *empulgado* e que foi o mesmo *Santos* quem o encobrio agora consta-me que virou a *lampista*, ou acendedor de *Gaz*.

Pio!... não pode ser muito, pois quem manda vir comida da casa de pasto, n'uma folha vasia de goulada, mal chega para si, quanto mais para repartir com os outros.

Olha!.. Olha! para aquelle jardim, pertencente a esta casa da rua da Lapa.

Jardim!.. pois tu chamas aquillo jardim!.. um pouco de tenção; aquelle só tem por adorno tres *senas* e *pirras*, e um velho tronco de rovalho.

Pois bem... mas repara que esse pequeno... tu lhe chamas, está transformado... tempo Filizio, repara nas *lindas*... aformozeição, na profusão de... e a *promptidão* com que são sentadas as pessoas que circulão n'essa *rua*.

Eu conheço... *correntes*!.. é rapaz revolucionario... mas para um litterato em... elle se quer ter, aquillo não o... humido, servindo as damas por mer... *hoteis*. E eu conheço aquelle... tocando uma manivella, de... *zeite*, quero dizer sorvetes; e ainda... ha uma hora que eu vi elle... *querer*... seu nome n'um cartão de visita... *de 1:000*; nem que fosse uma... *comprido*.

Parece-me que foi nessa mesma casa que temos em frente, que passando eu a tarde em casa do Gonzaga, apreciei um baile!..

Que baile!.. os lustres e candelabros consistião n'uma unica vella de sebo, a orchestra n'um xóxo e desafinado piano que mais se assemelhava a uma saphona e as damas nessas que agora ves.

Repara naquella do vestido de chita em casa com flores roxas, e de cachennel cor de rosa, é uma moça sympathica não achas?

Não ha duvida! será talvez a unica digna de menção, mas a par dessa sympathia que a ti tanto inspira, é digna de censura por a mansira, que ella traz uma porção de *rapazes* amarrados á argola.

Então fazes delles burros.

Podia fazer mais? porém a culpa é a mesma, ella não pode amar a todos, e elles se estivessemos em tempo de duellos, matavão-se uns aos outros como selvagens!

Aqui faz bastante sol meu caro Jorge, disse Alfredo, se tu queres iremos dar um passeio até á rua da Gloria.

Para que? se vais lá para ver se encontras sombra perdes o tempo — não sei se foi a *illustrissima* ou quem foi que se lembrou, de substituir o antigo arvoredo que ahí havia, por um novo que mais parece agulhadas de picar os bois, assim anda tudo de *traz para diante* como de *diante para traz*, além disso temos a nova companhia que deixa as ruas em muito *bello e rico* estado, os pobres moradores da rua da Lapa e Gloria, bem podem manular regar as ruas a custa de suas algibeiras, já quando á quem se compadeça de sua mísera sorte.

E' bem verdade e por toda a parte se alardea o progresso desta cidade.

Progresso, ?.. isso é lá com a *Illustrissima* que caminha com passos largos; mas ainda não ouve um *Vicaredor* que se lembresse desses pobres moradores!.. meu amigo todos esses *Vareseadores* varrem para si, entrão limpos das algibeiras e saiem com ellas *sujas*.

E viva o progresso.

Explicações.

A adinheção é dedal.
Charada 1ª é Rape, 2ª é Molaninho, 3ª é Penna tiel

TYP. DO ESCRIMÃO REA DO REGENTE N 20

U
U



M
100
100
100
100

C

L D



B
I
O